

Resumo de notícias econômicas

29 de Setembro de 2021 (quarta-feira)

Ano 3 n. 184

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 29 SETEMBRO DE 2021

BC indica ciclo longo de juro alto e mercado vê Selic em 9%

O Estado de S. Paulo

Divulgada ontem, a ata da última reunião do Copom, que elevou a Selic para 6,25%, indicou que os juros devem continuar subindo. O BC fala em “aumento da magnitude do ciclo de ajuste da política monetária para patamar significativamente contracionista”. Ou seja, com impacto sobre a atividade econômica. Projeções do mercado passaram de 8,5% ao ano para 9%.

Na ata da reunião do Copom realizada na semana passada, Banco Central fala em aceleração da ‘magnitude do ciclo de ajuste’ da taxa básica de juros para ‘patamar significativamente contracionista’; esforço é para atingir meta de inflação em 2022

A taxa básica de juros deve continuar subindo a um ritmo de 1%. Mas, para levar a inflação à meta em 2022 (de 3,5%, com margem de tolerância de 1,5 ponto para cima ou para baixo), o atual ciclo de alta da Selic pode ser ainda maior do que o esperado pelo mercado financeiro, segundo indicações que constam da ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, realizada na semana passada.

A Selic está hoje em 6,25% ao ano, e as projeções são de mais duas altas de 1 ponto porcentual até o fim do ano, chegando a 8,25%. Na ata, porém, o BC diz que a estratégia mais apropriada para assegurar a convergência da inflação para as metas tanto de 2022 quanto de 2023 (3,25%) é a manutenção do ritmo atual de ajuste associado ao “aumento da magnitude do ciclo de ajuste da política monetária para patamar significativamente contracionista”. Ou seja, com impacto direto sobre a evolução da atividade econômica do País.

Após a divulgação do documento, as projeções do mercado financeiro para a Selic no fim de 2022 começaram a subir. Passaram de 8,5% ao ano, na média, para 9%, mas alguns analistas não descartam patamar ainda maior. O aumento dos juros, com

impacto direto no PIB em pleno ano eleitoral, será uma prova de fogo para a autonomia do BC e também para as pretensões do presidente Jair Bolsonaro de tentar se reeleger.

O Banco Original, que previa juros de 8,25%, agora passou a projetar um patamar de 9%. “As duas menções a um patamar ‘significativamente contracionista’ da Selic foram as passagens mais ‘hawkish’ (jargão usado para designar uma postura mais favorável ao aumento de juros) da ata (do Copom), e são o fator racional por trás da nossa revisão”, disse Lisandra Barbero, economista do banco.

BC tem compromisso com metas de inflação

Broadcast

O Banco Central tem passado a mensagem de que os choques de preço continuam muito fortes, tanto no Brasil, quanto no restante do mundo. Diante disso, o principal desafio é convergir o avanço dos preços para a meta de inflação do ano que vem e de 2023. No mercado, a crença é que a autoridade monetária fará o que for necessário para controlar a situação.

Em suas comunicações recentes, o órgão reiterou que está satisfeito com o ritmo de alta de 1 ponto porcentual por reunião e considera suficiente para atingir seus objetivos. O BC trabalha com análise de dados, e a avaliação atual é de que essa estratégia será capaz de trazer a inflação para o centro da meta nos próximos anos. Ao mesmo tempo, ele indica que, caso isso não seja suficiente, continuará atuando para solucionar a questão.

Por enquanto, ainda há pressão inflacionária e é preciso que isso arrefeça para que ela volte ao padrão e caminhe para a meta, tanto para 2022 quanto 2023. Até lá, a cada reunião é provável que o Banco Central aumente e avalie, de tempos em tempos, a necessidade desses ajustes conforme surgem novas informações.

É importante ressaltar que o BC não segue um pensamento de subir a Selic apenas até determinado nível. Pelo contrário. Há indicações de que a equipe econômica fará aquilo que for preciso para controlar a inflação. Hoje, uma Selic de 8,5% ao ano parece ser ideal, mas caso não seja, aumentarão mais. A autonomia do Banco Central é importante neste contexto. Ele já era autônomo na prática antes mesmo da

formalização, e isso o permite fazer o que for necessário para atingir as metas de inflação, sem levar em consideração o contexto político e eleitoral. Agora, com os efeitos da lei que sancionou esta autonomia, o presidente do país perde inclusive o poder de demitir membros da equipe da autoridade.

Assim, chegamos à conclusão de que a postura do órgão não tem a ver com o ano eleitoral que se aproxima. O processo de aumento de juros depende mesmo é da pressão inflacionária e dos choques vistos nos últimos meses. Caso eles persistam, isso contamina um pouco o cenário para o início do ano que vem. A princípio, a estratégia atual deve ser suficiente, a não ser que tenhamos piora na situação fiscal para o ano que vem.

Para especialistas, lei protege autarquia de pressão política

Broadcast

Ao sinalizar que o ciclo de alta da taxa básica de juros (Selic, hoje em 6,25% ao ano, ante os 2,0% que vigoravam até março) poderá terminar em nível mais elevado do que se imaginava inicialmente, como sugerido na ata da reunião de setembro do Comitê de Política Monetária (Copom), o Banco Central (BC) poderá enfrentar pressões políticas. Isso porque, para levar a taxa básica a níveis mais elevados, o BC poderá entrar o ano das eleições em pleno aperto monetário. A situação poderá colocar à prova a autonomia da autoridade monetária, firmada em lei em fevereiro. Economistas ouvidos pelo Estadão, porém, apostam que o BC está protegido.

Para José Júlio Senna, ex-diretor do BC e chefe do Centro de Estudos Monetários do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV), a autonomia formal, firmada em lei, servirá para “blindar” a diretoria da autoridade monetária. Sem ela, pairaria sempre a dúvida, entre os agentes de mercado, sobre a possibilidade de algum diretor ser demitido, caso oferecesse resistência a pressões políticas. “Não fosse pela autonomia (na lei), as pressões sobre o BC talvez se tornassem difíceis de resistir”, afirmou Senna.

A blindagem deverá ser necessária, pois as pressões políticas virão, disse o economista da consultoria MB Associados, Sérgio Vale. Isso porque, afirmou ele, é

“muito provável” que o presidente Jair Bolsonaro continue “estressando” as perspectivas econômicas com declarações. “O ruído é inescapável. Esse governo é feito de ruídos. Vai ser difícil isso não chegar ao BC e à política monetária, mas há certo grau de proteção, pela própria lei e pelo ministro (da Economia, Paulo) Guedes, que poderá servir de anteparo”, afirmou.

Silvio Campos Neto, economista sênior da Tendências Consultoria, não vê a elevação dos juros como tema eleitoral. Ele acha que o ciclo de alta acabará em 2022 e que hoje as regras fiscais são mais relevantes no debate político. “No Brasil, na proximidade das eleições, é normal que o BC fique mais afastado e acabe não mexendo muito na política monetária”, disse.

Bolsa despensa 3% e dólar salta para R\$ 5,42

Broadcast

Novos motivos para preocupação tanto no exterior quanto no mercado local levaram ontem o índice da Bolsa brasileira (B3), o Ibovespa, a despencar 3,05%, aos 110.123,85 pontos, na maior perda desde 8 de setembro. O dólar subiu 0,85%, a R\$ 5,4243. Em Nova York, a Nasdaq despencou 2,83%, enquanto a S&P 500 baixou 2,04%, e o Dow Jones, 1,63%. Na Europa, a Bolsa de Londres recuou 0,51%, Paris, 2,17% e Frankfurt, 2,09%. A aversão aos riscos vem em linha com a alta da inflação global, diante da escassez de insumos e do risco de crise energética que influenciou no recuo das projeções de crescimento da China para menos de 8%.

Na esteira da queda de 6,08% do minério de ferro no exterior, Vale ON caiu 5,01%, Usiminas PNA, 7,27% e CSN ON, 7,84%.

A apreensão foi reforçada pela possibilidade de prorrogação do auxílio emergencial, que significaria aumento de gastos, e pelo temor de intervenção na política de preços da Petrobras.

Para financiar o novo Bolsa Família o governo depende da reforma do Imposto de Renda. Enquanto o projeto não é aprovado, o governo estuda a prorrogação do auxílio emergencial, embora as despesas continuem subindo. Segundo o Tesouro Nacional, os gastos sujeitos ao teto – portanto, fora os extraordinários feitos para

combater os efeitos da pandemia – cresceram 3,5% em agosto na comparação com igual mês de 2020.

Em outra frente de conflito, a Petrobras reajustou em 8,9% o diesel, um dia após o presidente Jair Bolsonaro dizer que era preciso “melhorar” o preço dos combustíveis. Investidores temem uma intervenção na política de preços da companhia, principalmente após o presidente da Petrobras, o general Joaquim Silva e Luna, dizer não ter intenção de alterá-la.

Em evento ao lado de Bolsonaro, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), cobrou a participação dos governadores na luta contra o avanço dos preços dos combustíveis, alinhando-se ao discurso do presidente. Em resposta, as ações da petroleira, que subiam após o anúncio de reajuste, fecharam em queda de 0,86% para a ON e 0,66% para a PN.

Plataforma para promoção de parcerias em Saneamento

Broadcast

Com as oportunidades criadas pela revisão do marco legal do saneamento em 2020, três empresários com passagens pelo setor, nas áreas pública e privada, lançaram uma plataforma para integrar soluções e promover parcerias em saneamento. A proposta da Cristalina, a nova empresa, é atuar como prestadora de serviços, com assessoria a investidores e operações de saneamento em concessões e Parcerias Público Privadas (PPPs).

Yves Besse, presidente da Cristalina, foi CAB Ambiental (atual Iguá) e presidente da Associação Brasileira dos Concessionários Privados dos Serviços Públicos de Água e Esgoto (Abcon); Paulo Uebel, vice-presidente, foi secretário especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia entre 2019 e 2020; e Daniela Pinho, diretora-executiva, também esteve na CAB. Diante das necessidades do País, este é um mercado com potencial de movimentar R\$ 700 bilhões para universalização de água e esgoto até 2033.

Fintech no mercado de crédito a micro, pequenas e médias empresas

Broadcast

Voltada à concessão de crédito a micro, pequenas e médias empresas, a fintech QFlash passou o ano arrumando a casa e se preparando para, no ano que vem. Pretende crescer rápida como um raio e partir dos atuais cerca de R\$ 50 milhões em duplicatas e pagamentos em cartão antecipados para emprestar R\$ 1 bilhão, até o fim de 2022.

Caso consiga, vai ser uma mágica e tanto. Até aqui, a empresa, braço de crédito do grupo liderado pela Quasar Asset, captou R\$ 100 milhões por meio de um Fundo de Investimento em Direitos Creditórios (FIDC) – e emprestou metade. Pretende abrir a captação de outro fundo até o fim do ano, provavelmente de tamanho semelhante, para financiar capital de giro. Com um sistema preparado para um volume de operações bem acima desses montantes, a QFlash pretende se valer de parcerias, segundo a diretora responsável por essa área, Gisela Teixeira. Num segmento com competição crescente de outras fintechs, adquirentes de cartão e bancões, a empresa vai ter de enfrentar o ano eleitoral com economia incerta, inflação, crises hídrica, energética e fiscal. A taxa parte de 1,5% ao mês.

Perdendo a corrida pela inovação

Broadcast

A melhora de cinco posições em relação a 2020 no Índice Global de Inovação (IGI) alcançada pelo Brasil no mais recente ranking elaborado pela Organização Mundial de Propriedade Industrial (Wipo, na sigla em inglês) está longe de significar melhora significativa. A classificação, 57.^a entre 132 países analisados, é muito ruim, especialmente se se considerar que, mesmo com o encolhimento observado no ano passado, o Brasil ainda é a 12.^a maior economia do planeta e o 13.^o maior, entre 45 países, na produção industrial. Há dez anos, o Brasil estava na 47.^a posição no ranking, o melhor resultado de toda a série.

Países desenvolvidos são os que mais investem em inovação, pesquisa e desenvolvimento, e dispõem de sistemas de ensino mais eficientes na preparação de sua população. Ocupam, pois, as principais posições no ranking da Wipo. Os quatro primeiros são Suíça, Suécia, Estados Unidos e Reino Unido. Na quinta posição está a Coreia do Sul, com a qual o Brasil parecia disputar, há três décadas, uma corrida pela inserção competitiva na economia mundial. O ranking mostra como cada país encarou seus desafios.

A óbvia incompatibilidade entre a posição do Brasil como uma das maiores economias industriais do mundo e sua classificação no ranking de inovação, mais do que mostrar atraso, constitui severa advertência. Como manter-se competitivo para disputar espaços no mercado internacional se não se inova em processos, métodos e produtos como exige a nova demanda mundial? Investimentos em pesquisa e desenvolvimento, em formação de mão de obra qualificada para as novas exigências e na preparação de uma sociedade capaz de encarar os novos padrões são essenciais, agora e no futuro.

“O crescimento sustentável e a superação da crise agravada pela pandemia passam pela via da inovação”, diz Robson Andrade, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que colaborou com a Wipo. “Uma estratégia nacional ambiciosa, que priorize o desenvolvimento científico e tecnológico e a inovação para o fortalecimento da indústria, tornará a economia mais dinâmica, promovendo maior equidade e bemestar social.”

Seca afeta plantio e pode pressionar inflação em 2022

Folha de São Paulo

A falta de chuvas é a principal ameaça à próxima safra de grãos do País e pode pressionar a inflação de 2022. O plantio no Centro-sul de culturas como a soja começa neste mês, mas enfrenta dificuldades. Produtores estudam aumentar área plantada para aproveitar preços.

A maior seca dos últimos 91 anos é a principal ameaça à próxima safra de grãos do País. O plantio no Centro-sul de culturas como a soja começa neste mês, mas, por conta da falta de chuvas, enfrenta dificuldades em vários locais. O risco climático já

entrou no radar de economistas como um fator que pode pressionar os preços da comida e elevar os índices de inflação no ano que vem.

“Não vamos ter um cenário tão amistoso para alimentos, o que pode pressionar a inflação de 2022”, afirma André Braz, coordenador de índices de preços da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Contando com o risco climático, o economista projeta uma inflação de alimentos ao consumidor de 8,71% para 2022. É um pouco mais da metade da que deve ser registrada neste ano, de 14,1%, complicando ainda mais a tarefa do Banco Central (BC) de cumprir a meta de inflação, de 3,5%, com tolerância de 1,5 ponto para cima ou para baixo.

“A falta de chuvas é uma das maiores preocupações dos produtores hoje”, afirma Flávio Turra, gerente de Desenvolvimento Técnico da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar). A entidade reúne 58 cooperativas do agronegócio, com 185 mil agricultores, num dos principais Estados produtores de grãos do País.

No momento, a maioria dos agricultores do Paraná, por exemplo, está com os insumos em casa – adubos, sementes, herbicidas –, mas o clima não é favorável ao plantio. “Se a soja atrasar muito, pode comprometer o milho da segunda safra, que é plantado após a colheita da soja”, antevê Turra. Um dos sinais da inquietação dos agricultores com o risco climático aparece na forte contratação de seguro rural. “Já foram comprometidos no País quase todos os recursos do programa de subvenção ao seguro rural do Ministério da Agricultura”, diz Turra. A oferta é de R\$ 924 milhões, e R\$ 890 milhões estão empenhados.

Usaflex aposta no digital para deixar imagem de ‘sapato da vovó’ para trás

O Estado de S. Paulo

Com uma história marcada pela imagem de “sapato da vovó”, a Usaflex, fabricante gaúcha de calçados confortáveis, acredita que esse retrato já é coisa do passado. Passando por uma fase de reformulação de negócios desde que mudou de dono, há cinco anos, a empresa começa a rejuvenescer sua clientela com um processo de transformação digital iniciado este ano e que deverá consumir R\$ 100 milhões até

2025. O dinheiro poderá ser usado para aquisição voltada ao mundo online. Apesar de a estratégia ainda estar no início, os resultados já começam a aparecer. Até pouco tempo atrás, 70% das vendas vinham de mulheres acima de 40 anos – número que agora é de 55%. No digital, diz o presidente da empresa, Sergio Bocayuva, 60% das vendas se concentram em mulheres de 25 a 45 anos. A estratégia de migração para a internet é ousada. A meta é passar de 5,8% de vendas pela web, em 2020, para 27,8%, em 2025.

Reflexo da pandemia de covid-19, a aposta da Usaflex no digital motivou a contratação do executivo Lucas Neves, ex-lojas Renner. “No futuro IPO, uma das perguntas que os potenciais investidores tendem a fazer é sobre como está a venda no digital”, diz Neves, que adianta que a marca estará mais forte, em breve, nos marketplaces. Hoje, já é possível encontrá-la nas plataformas de C&A, Renner e Mercado Livre, por exemplo. No início dessa jornada rumo ao mundo online, 54 lojas da Usaflex, de 270, já estão plugadas ao canal digital. Esse número subirá a 100, em outubro, e a 178, em novembro. Em paralelo, o número de lojas físicas também vai crescer: a previsão é de que chegue a uma faixa entre 430 a 515 também em 2025.

Segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC), Eduardo Terra, a referência no setor de calçados, quando o assunto é digitalização, é a Arezzo. Por lá, a fatia do online já chega em 25%. “A Arezzo evidencia o potencial que a Usaflex tem de crescimento no digital”, comenta. O processo de rejuvenescimento da clientela tem tido outro empurrão. Ao ampliar a abertura de franquias, a empresa passou a decidir o que seria exposto nas vitrines. Saíram os sapatos funcionais, e entraram calçados de visual mais jovial. Como resultado, a marca conseguiu dar mais visibilidade à sua grade, de cerca de 350 modelos.

Sócio da Varese Retal, Alberto Serrentino observa que todo o mercado do “comfort shoes” (sapato confortável) vive o desafio de acabar com a associação de se destinar apenas ao público de terceira idade. “A moda está ficando mais confortável. As mulheres mais jovens também não querem escolher entre um produto de moda e um produto confortável.”

A EMPRESA QUE 'CAÇA' MILHÕES PERDIDOS

Broadcast

A rede de supermercados mineira Bahamas encontrou R\$ 18 milhões perdidos. O dinheiro foi achado pouco a pouco, desde que a varejista contratou uma consultoria especializada em revisar contratos feitos com a indústria, há seis anos. Nas letras miúdas das cláusulas, há muitas vezes descontos para compras maiores – algo parecido com os centavos esquecidos no fundo do bolso de uma calça, elevados à potência corporativa.

Henrique Sampaio, presidente da DHS – empresa que “caça” esses valores –, diz que é comum o funcionário responsável pelos pagamentos não se atentar aos descontos negociados e debitar o valor cheio da fatura. Sampaio diz também que é rotineiro ele ser contratado com uma boa dose de ceticismo. Em geral, as companhias aceitam o serviço porque não têm nada a perder. A DHS coloca alguns auditores no escritório para olhar a papelada com lupa, atrás de itens que podem ter sido pagos a mais. Caso algum valor seja recuperado, a consultoria recebe uma porcentagem previamente acertada.

Para valer a pena, a prioridade são redes de supermercados que faturam a partir de R\$ 1 bilhão por ano. “Uma vez, um gestor apostou uma caixa de chocolates comigo, achando que eu não encontraria nada”, diz. Sampaio ganhou não apenas a aposta, mas também a fatia sobre o valor recuperado. De maneira geral, as redes varejistas conseguem manter o bom clima com os fornecedores que receberam a mais e, agora, têm de reembolsar o cliente. “Não houve má-fé, teve erro”, diz Luiz Otávio Guarnieri Galil, diretor financeiro do Grupo Bahamas. A política da rede é dividir o valor a ser ressarcido e buscar acordos. Afinal, não vale a pena quebrar o relacionamento com a indústria por um valor que estava fora do radar.

Para a professora e economista da ESPM Cristina Helena Pinto de Mello, o olhar externo sobre as contas da empresa é importante. Muitos gestores deixam de usufruir de serviços desse tipo por receio de ter seus erros e de sua equipe expostos, quando essa pode ser uma boa oportunidade de aprendizado. Ela própria, quando foi vice-reitora administrativa na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), contratou uma empresa do ramo. Como havia treinado sua equipe, achou que não haveria nada de relevante a ser encontrado, mas se surpreendeu com pagamentos a mais feitos em

energia e telefonia. “Apesar do treinamento, minha área não estava preparada para pegar isso. Eu precisava oferecer incentivos”, diz. Ela diz ser possível criar um programa de bônus para que os funcionários encontrem essas falhas.

Venda da Oi a rivais avança com aval técnico da Anatel

Broadcast

A venda das redes de telefonia e internet móveis da Oi para o grupo de rivais Vivo, TIM e Claro - negócio de R\$ 16,5 bilhões - está começando a andar no setor público. A transação foi fechada pelas empresas em dezembro e, de lá para cá, as concorrentes aguardam aval da Anatel e do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). A área técnica da Anatel concluiu seu parecer, com anuência prévia à concretização da venda, desde que acompanhada por remédios (como são chamadas as compensações às ameaças de concentração de mercado). O parecer ainda precisa passar pela Procuradoria Federal Especializada da Anatel e pelo Conselho Diretor do órgão, para o martelo ser batido. O endosso da área técnica, porém, é um primeiro passo importante - especialmente porque foram feitas poucas críticas ao fatiamento da Oi Móvel entre as rivais. O corpo técnico cita as dificuldades financeiras da Oi, que prejudicaram suas operações, e diz que a venda pode levar aos consumidores “serviços com maior escala, capacidade, cobertura, qualidade e funcionalidades”.

Os técnicos constatam ainda que Vivo, TIM e Claro vão conseguir economizar bilhões de reais com ganhos de escala pela junção de clientes, equipamentos e radiofrequências, o que “pode inibir a pressão sobre o nível de preços, oriunda de uma concentração”. Assim, não seria preciso exigir que as teles vendam ativos ou se retirem de algum mercado para evitar aumento da concentração. Basta que assumam certos compromissos.

Os remédios sugeridos pela área técnica passam pela garantia de oferta das redes das grandes teles de forma “justa, isonômica e não discriminatória” para pequenas e médias operadoras que queiram contar com serviços de roaming ou atuar como MVMOS (nome dado às teles virtuais, que atendem a partir da rede de terceiros). Esse era um pleito das associações de operadoras que ingressaram no processo.

Expansão das Termelétricas

Broadcast

A Gás Natural Açú (GNA), joint venture entre BP, Siemens, SPIC Brasil e Prumo Logística, foi autorizada pela Prefeitura de São João da Barra (RJ) a iniciar a construção de sua segunda termelétrica no Porto do Açú, a GNA II, prevista para entrar em operação em 2024. » Para ontem. As obras devem começar em outubro. A usina terá três turbinas a gás natural e uma a vapor, que totalizarão capacidade instalada de 1,67 gigawatts (GW), energia suficiente para atender 7,8 milhões de residências. O investimento previsto é de R\$ 5 bilhões, sendo R\$ 3,93 bilhões por meio de financiamento do BNDES.

A construção das usinas e o fornecimento de equipamentos, como turbinas a gás e a vapor, são de responsabilidade da Siemens Energy, que também fornecerá serviços de operação e manutenção para as unidades. O gás natural será importado e fornecido pela BP.

Além das duas usinas, a GNA tem licença ambiental para dobrar a capacidade instalada de geração, com a construção da GNA III e IV. O plano de expansão prevê, ainda, unidade de processamento de gás natural e um gasoduto terrestre, em fase de licenciamento.

Diminuição da Inadimplência entre as pequenas e microempresas

Broadcast

A inadimplência entre pequenas e microempresas cedeu em agosto, conforme o Serasa Experian, que considera a queda um reflexo dos R\$ 5 bilhões liberados pelo governo para o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe). O programa foi criado no ano passado para apoiar empresas em dificuldades em decorrência da pandemia. O número de PMES em situação de inadimplência em agosto era de 5,33 milhões, 0,9% abaixo de julho e 3% inferior a agosto de 2020.

Petrobras e criação de startups internas

A Petrobras deu andamento à escolha dos projetos para a criação de startups internas que desenvolverão soluções de valorização de seus ativos. Na segunda edição da iniciativa, a estatal recebeu quase 90 inscrições e selecionou 12 para a etapa seguinte.

Na primeira edição, em 2019 e 2020, a petrolífera criou 22 startups internas. Uma delas economizou R\$ 14,3 milhões apenas calculando o tempo ideal de transferência do petróleo acumulado em uma plataforma para um navio aliviador.

Mercado do aço no rumo da normalidade

Broadcast

O aumento expressivo da produção, das vendas internas e do consumo aparente de aço observado em agosto na comparação com os dados de um ano antes é apontado pelo Instituto Aço Brasil como indicação de que “o mercado se encontra plenamente abastecido e sem qualquer excepcionalidade”.

Nos primeiros meses do ano, com a retomada da atividade econômica, segmentos industriais e a construção civil relataram dificuldades no suprimento de insumos e matérias-primas, entre os quais o aço, que parecem superadas. Os estoques relatados pelo Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), suficientes para mais de três meses de vendas, igualmente são considerados normais.

De acordo com estatísticas do Instituto, em agosto a produção brasileira de aço bruto foi de 3,1 milhões de toneladas, com aumento de 14,1% sobre o resultado de agosto de 2020. A produção de laminados foi de 2,3 milhões de toneladas, com aumento de 25,7% na comparação anual. A produção de semiacabados para vendas alcançou 748 mil toneladas, 19,1% mais do que um ano antes.

Quanto às vendas internas, nos oito primeiros meses do ano alcançaram 16,0 milhões de toneladas, 34,2% mais do que as de igual período do ano passado. O consumo aparente – produção vendida no mercado interno mais importações – chegou a 18,8 milhões de toneladas entre janeiro e agosto, com aumento de 41,7% sobre os

resultados dos oito primeiros meses de 2020. “Os números mostram que a indústria brasileira do aço está produzindo e atendendo seus clientes em volumes superiores àqueles verificados antes do início da pandemia de covid19”, afirmou o Instituto Aço Brasil.

No cenário internacional, os resultados da indústria brasileira de aço ao longo do ano têm sido suficientes para assegurar-lhe a manutenção da 9.ª posição do país entre os maiores produtores do mundo. A China, que responde por 55,5% da produção mundial de aço, é, destacadamente, a primeira colocada nesse ranking. A segunda colocada, a Índia, produz pouco mais de 10% do que o país líder da siderurgia mundial. Seguem-se Japão, Estados Unidos, Rússia, Coreia do Sul, Alemanha e Turquia. Logo atrás do Brasil, o Irã ocupa o décimo lugar entre os maiores produtores mundiais de aço.

*Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do
Governo do Estado do Ceará.*

Assessoria de Comunicação – Sedet

Fone: (85) 3444.2900

www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualizado no dia 26.08.2021

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 17/06/2021.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão;

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUL)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.406,49
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.742,31
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-335,82

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até junho)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,21
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	91,18

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até junho) (base: igual mês ano anterior) (%) – CEARÁ				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,0	2,1	-22,0	26,8
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,2	-2,3	-13,4	5,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,5	-1,1	-16,3	4,9
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	4,2	2,9	-15,8	18,3
INFLAÇÃO (Acumulado até julho)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA - BRASIL	2,83	2,54	0,90	5,81
IPCA - FORTALEZA	1,79	3,50	1,84	7,21
INPC - BRASIL	2,83	2,55	0,80	5,01
INPC - FORTALEZA	1,96	3,31	1,73	6,20
IGP-M	5,94	4,79	6,71	15,98

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4

População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
Força de trabalho (mil)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.631 (48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466

Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	2018	2019	2020	2021
	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até julho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.809	1.569.938
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.355	8.930.303
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.630.932	49.479.236

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

Saldo de Empregos Gerados - Acumulado - 2020 - CEARÁ						
	2020			2021		
	Admissões	Desligamentos	Saldo	Admissões	Desligamentos	Saldo
JAN	36.806	34.391	2.415	41.170	33.710	7.460
JAN-FEV	74.862	65.408	9.454	85.446	66.708	18.738
JAN-MAR	108.795	106.877	1.918	120.804	104.395	16.409
JAN-ABR	121.809	155.609	-33.800	151.363	131.936	19.427
JAN-MAI	136.612	181.915	-45.303	183.072	159.599	23.473
JAN-JUN	156.057	204.187	-48.130	221.170	188.461	32.709
JAN-JUL	184.009	226.332	-42.323	264.242	218.113	46.129
JAN-AGO	218.898	249.959	-31.061			
JAN-SET	256.917	275.933	-19.016			
JAN-OUT	300.873	304.085	-3.212			
JAN-NOV	341.536	329.998	11.538			
JAN-DEZ	372.208	358.217	13.991			

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN – JUL)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	41.167	49.078	47.641	66.099
Fechamento	60.103	18.328	15.794	21.012
Total	-18.936	30.750	31.847	45.087

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-JUL)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	9.996.015	8.914.954	9.215.552	11.659.544

Fonte: CIPP

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-MAR)			
	2019	2020	2021
Ceará	2.931.400	2.789.513	3.001.983

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.